



Angústia e desespero na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, em diálogo com Paul Tillich¹

Anguish and desperation in The trash room: diary of a favelada, by Carolina Maria de Jesus, in dialogue with Paul Tillich

Antonio Almeida Rodrigues da Silva²

Lais Alves do Nascimento³

Resumo: Objetiva-se, no presente artigo, analisar a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a partir do conceito de angústia do filósofo e teólogo Paul Tillich. O estudo contempla três questões principais: 1) angústia do destino e da morte; 2) angústia da vacuidade e insignificância; e 3) o desespero. Por se tratar de um pensamento que sempre se construiu “na fronteira”, os textos do filósofo/teólogo trazem elementos fecundos para possíveis diálogos com outras formas de saber. A conclusão aponta para um elemento central no Diário, a saber: embora a obra literária possua seus excedentes e suas rotas de fuga, a fome atravessa todo o Diário, gerando medo, angústia e desespero à existência da narradora.

Palavras-chave: Fome. Angústia. Desespero.

Abstract: The aim of this article is to analyze *The trash Room: diary of a favelada*, by Carolina Maria de Jesus, from the concept of anguish of the philosopher and theologian Paul Tillich. The study deals with three main issues: 1) anguish of destiny and death; 2) anguishing of emptiness and insignificance; and 3) despair. Because it is a thought that has always been built “on the border”, the philosopher/theologian’s texts bring fruitful elements for possible dialogues with other forms of knowledge. The conclusion points to a central element in the Diary, namely: although the literary work possesses its surpluses and its escape routes, hunger passes through the entire Diary, generating fear, anguish and despair to the narrator's existence.

Keywords: Hungry. Anguish. Despair

¹ Este artigo foi recebido em 15 de maio de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 24 de agosto de 2024.

² Doutorado e Pós-doutorado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - área de concentração: Literatura e Hermenêutica. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) – área de concentração: Teologia e História. Especialista em História da Filosofia. Graduado em Filosofia (Licenciatura Plena) e Teologia (Bacharelado). Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: antonioalmeidars@hotmail.com

³ Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: alveslais580@gmail.com



Introdução

Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta⁴.

Conceitos como angústia, desespero, contingência e finitude atravessam diversos saberes: Teologia, Psicologia, Filosofia, Literatura, entre outros. Para a nossa pesquisa, escolhemos analisar a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a partir dos estudos de Tillich sobre o conceito de angústia. Por se tratar de um pensamento que sempre se construiu “na fronteira”, os textos do filósofo/teólogo trazem elementos fecundos para possíveis diálogos com outras formas de saber.

De acordo com Tillich⁵, a literatura e a arte, em geral, fazem da angústia um problema central em suas criações. Se a angústia é um dos conceitos centrais da Filosofia, passando por Kierkegaard, Sartre, Heidegger e Camus, da mesma forma, a Literatura a toma como um tema fundamental de suas preocupações. Nesse contexto, como explicita Tillich, o material da pergunta existencial é extraído da totalidade da experiência humana e de suas múltiplas formas de expressão: “refere-se ao passado e ao presente, à linguagem popular e à linguagem literária, à arte e à filosofia, à ciência e à psicologia”⁶.

Quarto de despejo: diário de uma favelada é um retrato vivo, comovente e revoltante gerado a partir de uma condição de fome. A fome desvela a situação deplorável e humilhante de pessoas marcadas pela miséria, “é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la [...]. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”⁷. A desgraça, como a própria narradora-personagem percebe, é real, ela existe, ela machuca. Segundo Moravia, “nos encontramos diante de um testemunho autêntico da mais humilde entre todas as formas de existência. Carolina provavelmente nunca leu Sartre, mas seu diário tem decerto um tema existencialista: o da sobrevivência nua e crua”⁸. A extrema pobreza em que a narradora se encontra revela um cenário geográfico massacrado pela absurda desigualdade. Desse modo, o que toma

⁴ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. p. 64.

⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 27.

⁶ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 310.

⁷ JESUS, 2007, p. 30

⁸ MORAVIA, Alberto. O diário de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. p. 182.



espaço no livro é reflexo de uma hipossuficiência, não apenas de Carolina, mas de todas as pessoas que residem na favela.

Diante de tantos temas abordados, a fome torna-se preponderante em todo o *Diário*. Nesse sentido, partimos da seguinte problemática: é a fome que leva a narradora de *Quarto de despejo* ao estado de angústia e desespero?

A análise da obra ficcional tomará como base os estudos de Tillich sobre a angústia e o desespero. No livro *A coragem de ser*, o escritor apresenta três tipos de angústia presentes na existência humana, quais sejam: a angústia do destino e da morte, a angústia da vacuidade e insignificação e a angústia da culpa e condenação. Para nosso estudo, priorizaremos a angústia do destino e da morte e a angústia da vacuidade e insignificação para, num último momento, tratarmos do conceito de desespero na obra.

Angústia do destino e da morte

Inicialmente, é importante fazer uma distinção entre angústia e medo no pensamento de Tillich para que, desde já, fique claro o conceito que utilizaremos na análise do nosso objeto de estudo. Para o filósofo alemão, angústia e medo possuem a mesma essência ontológica, mas não são iguais. O medo tem um objeto concreto, podendo ser estudado, questionado e até aceito. Além disso, é possível mover uma ação sobre ele. A angústia não tem um objeto, uma materialidade, e, nessa situação, o ser humano se sente ameaçado.

Podemos temer um perigo, uma dor, um inimigo. Podemos vencer o temor pela ação, mas não podemos vencer a angústia, pois nenhum ser finito pode vencer sua finitude. A angústia sempre está presente, embora, muitas vezes, esteja latente, ela pode, pois, manifestar-se em todo e qualquer momento, inclusive nas situações onde nada há a temer⁹.

Quanto a isso, é interessante notar as influências e diálogos que Tillich estabeleceu com Kierkegaard, Heidegger e Sartre. Para os três pensadores citados, a angústia se diferencia do medo. A angústia está ligada a algo estranho, desconhecido, imprevisível, indeterminado; o medo, por sua vez, é algo objetivo, determinado. Graças a Søren Kierkegaard, diz Tillich:

⁹ TILLICH, 2005, p. 200.



A palavra *Angst* se tornou um conceito central do existencialismo. Ela expressa a consciência de ser finito, de ser uma mescla de ser e não-ser ou de ser ameaçado pelo não-ser. Todas as criaturas são compelidas por essa angústia, pois finitude e angústia são as mesmas coisas. Mas, no ser humano, a liberdade está unida à angústia¹⁰.

Em Tillich, a angústia é o sentimento penoso de não-ser capaz de resolver a ameaça de uma situação especial. Já o destino e a morte “são os meios pelos quais nossa autoafirmação ‘ôntica’ é ameaçada pelo não-ser. ‘Ôntica’, do grego *on*, ‘ser’, significa a autoafirmação básica de um ser por sua simples existência”¹¹. O destino aponta para esta situação em que o ser humano se encontra: a situação de se defrontar com o mundo e, concomitantemente, de pertencer ao mundo.

No discurso inaugural, proferido em junho de 1929, quando assumiu a cátedra de Filosofia na Universidade de Frankfurt, Tillich¹² trouxe três coisas importantes referentes ao destino: 1) o destino se relaciona com a liberdade: onde não há liberdade, não há destino; há apenas necessidade; 2) destino significa a sujeição da liberdade à necessidade, ou seja, somente quem chegasse à liberdade absoluta estaria isento de destino; 3) destino significa que a liberdade e a necessidade andam juntas e que, em qualquer evento do destino, elas se interpenetram.

As relações entre liberdade, necessidade e destino estão bem presentes no *Diário* de Carolina Maria de Jesus, como destacado a seguir:

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seus cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se¹³.

Diariamente, a narradora batalhava para conseguir alimentação, seja por meio da venda de papel e de ferros, ou fazendo serviços para os moradores da favela. No entanto, deparava-se, com enorme frequência, com a ameaça de não conseguir dinheiro para comprar comida para ela e para os seus três filhos: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte [...]. Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha”¹⁴. Como se observa, Carolina

¹⁰ TILLICH, 2005, p. 330.

¹¹ TILLICH, 1976, p. 33.

¹² TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da religião, 1992. p. 34.

¹³ JESUS, 2020, p. 19.

¹⁴ JESUS, 2020, p. 20.

vivia em permanente inquietação: “Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome”¹⁵.

O relato da personagem gira em torno de sempre buscar comida para preencher o vazio que a fome lhe causava. A fome tirava-lhe o sossego: “Eu sei que vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades”¹⁶. Aqui, em termos de morte, o não-ser ameaça a autoafirmação de Carolina Maria de Jesus. Na desordem da própria vida, a narradora-personagem tem consciência de sua finitude.

Ora, para Tillich, a morte é a ameaça mais básica com que os seres humanos são atravessados. O ser humano tem consciência da finitude e, diante da vida, permeada pelas contingências, vê-se angustiado em meio às dificuldades. Existir, segundo Tillich, requer coragem, escolhas e responsabilidades. Além disso, em cada civilização, o ser humano é ansiosamente certo da ameaça do não-ser e necessita de coragem para afirmar-se a despeito dela. Nesse aspecto, observa-se a relação estrutural eu-mundo entre Carolina e o espaço da favela. Por estar inserida espacialmente em um lugar desconfortável, de sofrimento humano e de escassez, ambiente em que as pessoas são expostas às violências diárias, Carolina Maria de Jesus vive em estado de insegurança permanente. A fome, a falta de dinheiro e a ausência de dignidade são ameaças diretas à existência da narradora do *Diário*: “Eu estou triste porque não tenho nada para comer. Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome”¹⁷.

Carolina, ao olhar para si, assusta-se com o estado de seu ser desfigurado por causa da fome:

Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom.

...Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!¹⁸

Não é apenas a morte que ameaça o ser, o destino é também uma tentativa de aniquilação. Para Schmitz, “o termo destino acentua um elemento: seu caráter contingente, sua

¹⁵ JESUS, 2014, p. 38.

¹⁶ JESUS, 2007, p. 55.

¹⁷ JESUS, 2014, p. 110.

¹⁸ JESUS, 2014, p. 151-152.

imprevisibilidade, a impossibilidade de mostrar sua significação e propósito”¹⁹. Dentre as diversas contingências, a do espaço se sobressai no *Diário* de Carolina Maria de Jesus.

Na contingência do ser espacial, o ser humano torna-se limitado, visto que só pode estar em um lugar ao mesmo tempo. Todavia, é a partir de certo lugar que o sujeito observa o movimento da vida em sua volta. De acordo com Tillich, “encontramo-nos neste e não em outro lugar, e a estranheza deste lugar a despeito de sua familiaridade”²⁰. O estranhamento da catadora de papel ocorre devido à não aceitação do lugar em que está inserida: “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”²¹.

Em virtude de tudo ser estranho, e da incerteza perante os espaços, Carolina é lançada num mundo incessantemente inquieto. Na revolta com o ambiente em que está mergulhada, a narradora expressa todo estado de angústia, vejamos: “Fui catar papel. Estava indisposta. O povo da rua percebe quando eu estou triste [...]. Estou sem ação com a vida. Começo achar a minha vida insípida e longa demais”²².

Carolina tem a favela como espaço onde guarda somente coisas que não servem mais: “[...] Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”²³. A favela, além de ser o quintal onde se joga a podridão e os restos, é também descrita pela narradora como um inferno: “Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão, que estou no inferno”²⁴. Conforme Tillich, “ser finito é viver na insegurança. Isto é experimentado na angústia do ser humano pelo amanhã e se expressa em suas tentativas angustiadas de obter para si um espaço física e socialmente seguro”²⁵.

Nesse contexto, o espaço seguro seria, para Carolina, aquele que estivesse longe do contexto violento que a favela apresentava, e que se mostrasse favorável a uma vida digna. Observemos:

[...] Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia

¹⁹ SCHMITZ, Erik Dorff. O conceito de angústia, segundo a filosofia e teologia de Paul Tillich. *Revista Peri*. Florianópolis, SC, v.1 5, n. 01, 2023, p. 40.

²⁰ TILLICH, 1976, p. 34.

²¹ JESUS, 2020, p. 41.

²² JESUS, 2020, p. 75.

²³ JESUS, 2020, p. 36.

²⁴ JESUS, 2014, p. 23.

²⁵ TILLICH, 2005, p. 203.



bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê²⁶.

O ambiente periférico de Canindé significava não ter valor, ser inútil: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”²⁷. É nesse espaço periférico que Carolina se percebe enquanto mulher pobre em condições insuportáveis de vida: “[...] é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer”²⁸. O destino, diz Tillich, “aponta para esta situação em que o ser humano se encontra, a situação de se defrontar com o mundo e, concomitantemente, de pertencer ao mundo”²⁹.

A fome, como já mencionado na introdução, é a problemática central do *Diário*. Ao apontar para a vida miserável e por sempre estar em falta, Carolina sente um vazio existencial, como podemos perceber no seguinte fragmento: “Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta”³⁰. Sua vida era marcada pelo vazio, pela não aceitação da própria realidade que, mesmo diante de grandes esforços, o vácuo permanecia.

Carolina percebe que a fome a enfraquece, rouba-lhe a vontade de viver: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”³¹. Nessa situação absurda, o ser fica fraco, sem esperança. Está explícito, a partir desse fragmento do *Diário*, que é a fome que leva a narradora de *Quarto de despejo* ao estado de angústia. O não-ser, para Tillich, é onipresente e produz angústia mesmo onde uma ameaça imediata de morte está ausente:

Está por traz da insegurança e desabrigo de nossa existência social e individual. Está por trás dos ataques que sofre nossa potência de ser, no corpo e na alma, por parte da fraqueza, enfermidade e acidente. O destino se realiza em todas essas formas, e através delas a angústia do não-ser toma conta de nós³².

²⁶ JESUS, 2014, p. 33.

²⁷ JESUS, 2020, p. 41.

²⁸ JESUS, 2014, p. 52.

²⁹ TILLICH, 2005, p. 192.

³⁰ JESUS, 2014, p. 10.

³¹ JESUS, 2020, p. 47.

³² TILLICH, 1976, p. 35.

O que se descortina até aqui é que a fome produz angústia: “o meu dilema é sempre a comida”³³. Diante disso, cabe a pergunta feita por Tillich: “Há uma coragem de ser, uma coragem de se afirmar a despeito da ameaça contra a autoafirmação ôntica do ser humano?”³⁴. No próximo tópico, “angústia da vacuidade e insignificação”, a partir da análise do *Diário* de Carolina Maria de Jesus, tentaremos responder à questão.

Angústia da vacuidade e insignificação

Ocupar-nos-emos, agora, do segundo conceito de angústia discutido por Tillich: o da vacuidade e insignificação. Entenda-se por vacuidade, neste caso, um vazio existencial. É quando o ser humano é tomado pela simples possibilidade de perder aquilo que dá sentido à existência. Desse modo, o ser humano, em alguns casos, é remetido à angústia da insignificação. Para o teólogo alemão, esse tipo de angústia está ligado ao processo de criação cultural. Diz respeito à autoafirmação espiritual do ser: “Criar significa viver de modo espontâneo, em ação e reação, de modo ativamente intencional com o conteúdo da vida cultural”³⁵. A despeito disso, todo ser humano que vive de forma a criar significações se autoafirma como significante. Portanto, além de o não-ser ameaçar o ser humano na sua autoafirmação ôntica, como destacado no primeiro tópico do presente trabalho, ele ameaça também em sua autoafirmação espiritual.

Em meio às lutas diárias na favela, numa tentativa alucinada de fugir da fome, tão real e tão cruel – “Será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?”³⁶ –, Carolina Maria de Jesus encontra na escrita um sentido para continuar existindo: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem [...]. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos”³⁷.

No *Diário*, a narradora denuncia a condição desumana dos favelados; descreve de forma realista as contingências da vida, na medida em que também retrata, de modo direto, a realidade de pessoas que vivem à margem da sociedade brasileira: “Fui na sapataria retirar os papeis. Um

³³ JESUS, 2007, p. 51.

³⁴ TILLICH, 1976, p. 35.

³⁵ TILLICH, 1976, p. 36.

³⁶ JESUS, 2007, p. 47.

³⁷ JESUS. 2007, p. 20.

sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade”³⁸. Ainda assim, Carolina Maria de Jesus arrancava da realidade elementos para o seu *Diário*. Ela queria que as pessoas, através de sua escrita, tivessem acesso a esse mundo cruel e violento em que ela vive.

Carolina de Jesus, por sonhar com a publicação de seus escritos, fizera várias tentativas de contato com editoras; porém, as respostas eram sempre negativas. A dificuldade em relação à publicação de seus manuscritos refletia não apenas o contexto espacial em que vivia, como também o fato de ser negra, como revela no seguinte fragmento: “[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: — É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico”³⁹. Sua escrita exterioriza um ato de coragem, e ao mesmo tempo de denúncia, uma vez que escancarava a crueldade e o abandono dos agentes públicos naquela outra margem de São Paulo. A narradora encontrara no processo da leitura e escrita caminhos para enfrentar a própria realidade, como declara: “Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens [...]. Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”⁴⁰.

Estava angustiada, escrevia; estava com fome, escrevia; estava feliz, escrevia. A escrita dá à moradora da favela um mundo de possibilidades e significações. Na escrita, ela se sentia humana; afinal, é Carolina que faz gerar significados diferentes à própria vida. É em vista desse ideal, de intelectual que fala sobre a própria marginalização, que se afirma diante das ambiguidades de seu mundo abstrato e material. A escrita, portanto, dá significação à existência da mulher pobre e favelada.

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...]. É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela⁴¹.

Através da imaginação, como destacado no fragmento, a narradora fantasiava um ambiente agradável, onde conseguia suportar o peso da própria existência. Entretanto, ao voltar para a

³⁸ JESUS, 2007, p. 108.

³⁹ JESUS, 2020, p. 63-64.

⁴⁰ JESUS, 2020, p. 28.

⁴¹ JESUS, 2020, p. 59.



realidade, angustiava-se com o que presenciava: um ambiente completamente destoante da vida que sonhava. Ao escrever, Carolina sentia-se viva.

Conforme Tillich, toda existência corre risco. O ser precisa estar preenchido por suas afirmações diante dos abismos que a existência lhe apresenta. A angústia da vacuidade e da perda da significação pode ser descrita, também, em termos de dúvida. É quando o não-ser atinge a função criadora e destruidora da vida espiritual do ser humano. Aqui, o não-ser é uma ameaça justamente por causa da dúvida perante as próprias significações do ser. Assim sendo, “a ameaça à vida espiritual não é a dúvida como um elemento, mas a dúvida total. Se a certeza de não haver engolfou a certeza de haver, a dúvida cessou de ser indagação metodológica e tornou-se desespero existencial”⁴².

Quanto a isso, Carolina chegou a pensar em não publicar seus escritos, precisamente por causa das negativas das revistas. Questionava o fato de nenhuma editora brasileira manifestar interesse: “[...] os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar”⁴³. Seus marcadores sociais, como a própria narradora revela, eram motivos para os editores não se interessarem por sua literatura. Desse modo, a dúvida e a incerteza quanto à publicação do seu *Diário* provocavam dor e angústia à sua vida. Em suas palavras: “Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler”⁴⁴. Para sua decepção, a resposta foi negativa:

Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. [...]. Cheguei na favela, triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra. Para dissipar a tristeza que estava arroxendo a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse-lhe que tinha retirado os originais do Correio e estava com vontade de queimar os cadernos⁴⁵.

Para Tillich, “uma certeza rompe através dos acontecimentos externos ou processos interiores: somos cortados da participação criadora numa esfera de cultura, sentimos-nos frustrados a respeito de algo que se tinha afirmado com paixão”⁴⁶. Carolina acreditava no poder da cultura

⁴² TILLICH, 1976, p. 40.

⁴³ JESUS, 2020, p. 123.

⁴⁴ JESUS, 2014, p. 169.

⁴⁵ JESUS, 2020, p. 143.

⁴⁶ TILLICH, 1976, p. 37



como impulsionadora das transformações da realidade, por isso, mesmo diante da dúvida acerca da publicação do seu *Diário*, ela não abria mão da leitura e da escrita. Moraiva salienta que, “para Carolina, escrever é como rezar. Ela tem um ânimo religioso; mas da religião do nosso tempo, ou seja, da religião da cultura”⁴⁷.

A demora na aceitação de seus manuscritos por alguma editora, como já mencionado, a inquietava sobremaneira. É a angústia provocada pela expectativa. De acordo com Tillich, a ameaça a nosso ser espiritual é uma ameaça a todo o nosso ser: “A expressão mais reveladora deste fato é o desejo de antes atirar fora a nossa própria existência ôntica do que suportar o desespero da vacuidade e da insignificação”⁴⁸. Logo, o peso de uma vida insignificante pode levar muitas pessoas a não suportarem a própria existência.

Se, para Tillich, “o homem como homem, em cada civilização, é ansiosamente certo da ameaça do não-ser e necessita coragem para afirmar-se a despeito dela”⁴⁹, como Carolina Maria de Jesus lida com as frustrações, com as desesperanças, com o medo e com as expectativas frente ao futuro?

O desespero Humano

Os dois tipos de angústia pontuados até aqui estão implicados na existência do ser humano e, dessa forma, estão realizados, como pontua Tillich, na situação de desespero para a qual todos contribuem:

Desespero é uma situação extrema ou de “linha de fronteira”. Não se pode ir além dela. Sua natureza está indicada na etimologia da palavra desespero: sem esperança. Não aparece nenhum caminho para o futuro. O não-ser é sentido como absolutamente vitorioso [...]. A dor do desespero é de que o ser tem certeza de si como incapaz de afirmar-se por causa do poder do não-ser⁵⁰.

O desespero, continua Tillich, “é a marca final da condição humana [...]. No desespero, e não na morte, o ser humano chega ao fim de suas possibilidades”⁵¹. Não há, portanto, escapatória em estado de desespero. O ser é levado a uma condição de insegurança; insegurança que é manifestada,

⁴⁷ MORAVIA, Alberto. O diário de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. p. 185.

⁴⁸ TILLICH, 1976, p. 39.

⁴⁹ TILLICH, 1976, p. 36.

⁵⁰ TILLICH, 1976, p. 42.

⁵¹ TILLICH, 2005, p. 368.

de um lado, por aquilo que o ser humano pode vir a ser, ou deveria ser; de outro, por aquilo que o indivíduo autoafirma ser através do jogo entre liberdade e destino. O desespero faz com que o ser em sofrimento se responsabilize pela falta de sentido da própria existência. É aqui que o ser mergulha no seu próprio eu, em conflito e desorientado.

O ser não quer sentir desconforto, dor, angústia e desespero. Todavia, ignorar esses estados o causará ainda mais inquietação e sofrimento. Em estado de desespero, o ser humano pode tentar mudar sua situação, ou pode até ignorar completamente sua existência. Escolher transformar sua existência exige coragem para viver apaixonadamente pela própria vida. O ápice da coragem, nesse sentido, estaria em ter consciência do próprio estado de angústia e de desespero.

Carolina Maria de Jesus parece ter consciência tanto de sua angústia quanto de seu desespero. A narradora sabe que a ameaça à sua existência pode vir, inclusive, de algo pequeno: “[...] a gente fala que não tem medo de nada, as vezes tem medo de algo inofensivo”⁵². Em outro momento, num lampejo de desespero, diz: “Eu estou começando a perder o interesse pela existencia. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa”⁵³.

Carolina de Jesus reprovava as situações cotidianas; estas que são vexatórias e que a deixam desesperada por não suportar a existência excruciante da favela, da miséria e da fome. Por essas preocupações, Carolina de Jesus chega a um nível absurdo de desespero: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome”⁵⁴. A fome, como já explicitado até aqui, era a maior ameaça ao ser de Carolina. Comparava-se aos corvos que se apropriam das carniças e sobras dos lixos: “os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos”⁵⁵. Em outra ocasião, de pura revolta, desabafa:

Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo gêneros deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras⁵⁶. Podia dar uma enchente e arrazar a favela e matar estes pobres cacetes. Tem hora que eu revolto contra Deus por ter posto gente pobre no mundo⁵⁷.

⁵² JESUS, 2014, p. 93.

⁵³ JESUS, 2007, p. 36.

⁵⁴ JESUS, 2020, p. 93.

⁵⁵ JESUS, 2007, p. 42.

⁵⁶ JESUS, 2007, p. 86.

⁵⁷ JESUS, 2007, p. 57.



Embora acordasse bem cedo para ir à luta, o trabalho não supria suas necessidades básicas. Com isso, por prevalecer numa situação de extrema indigência, Carolina tinha pensamentos suicidas: “Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói”⁵⁸. Em outra situação, diz: “não há coisa pior na vida do que a própria vida”⁵⁹. O peso da existência é absurdo:

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo [...]. Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu⁶⁰.

O desespero é tão horrendo, como reiteradamente repetido no seu *Diário*, que a narradora pensa na morte como solução: “Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?”⁶¹. Já que para os pobres é dado um espaço que atrasa a realização de uma vida melhor, qual o sentido em continuar vivendo?

Como visto, o suicídio aparece no *Diário* de Carolina de Jesus como uma possibilidade permanente. No estado de desespero, pode surgir a ideia do suicídio como um meio para o ser humano se livrar de si mesmo. Para Tillich, “sempre que sentimos uma dor intolerável, insuperável e sem sentido, experimentamos o desejo de fugir da dor livrando-nos de nós mesmos”⁶². O suicídio é uma tentativa profunda de fugir do desespero no âmbito da temporalidade.

Embora, no auge do desespero, a ideia do suicídio aparecesse com frequência, Carolina de Jesus sempre dava um salto no sentido de superar o não-ser: “[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida”⁶³.

Carolina, apesar das enormes dificuldades, aceita a existência: “Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de

⁵⁸ JESUS, 2020, p. 95.

⁵⁹ JESUS, 2020, p. 152.

⁶⁰ JESUS, 2020, p. 37-40.

⁶¹ JESUS, 2007, p. 126.

⁶² TILLICH, 2005, p. 368.

⁶³ JESUS, 2020, p. 161.

fome”⁶⁴. Recorrendo ao meio degradante que tanto criticava, a narradora encontrava saída para aquele desespero. É compreensível, como assinala Tillich, “que toda vida humana possa ser interpretada como uma tentativa contínua de evitar o desespero”⁶⁵. Nesse sentido, é na condição de mãe, favelada, miserável e catadora que Carolina Maria de Jesus tentava superar o desespero.

Quando questionada se comia lixo, dizia: “O custo de vida nos obriga a não ter medo de nada. Temos que imitar os animaes”⁶⁶. O ambiente promíscuo da favela não podia oferecer uma vida digna aos moradores; cada um aguentava como podia. Uns corriam para o álcool, outros desistiam da existência. Carolina, por sua vez, tinha gosto pela leitura e pela escrita. Se a angústia do destino e da morte, assim como a angústia da vacuidade e da insignificação, impulsionam o ser humano ao desespero, Carolina Maria de Jesus, a despeito de ser atravessada pelos dois tipos de angústia e, em alguns momentos, mergulhar no desespero, tem esperança. Isso fica evidente no final do seu Diário, na escrita de 31 de dezembro de 1959:

Levantei as 3 e meia e fui carregar água [...].

... Eu fui fazer compras, porque amanhã é dia de Ano. Comprei arroz, sabão, querosene e açúcar.

O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci. Despertei com o apito da *Gazeta* anunciando o Ano Novo. Pensei nas corridas e no Manoel de Faria. Pedi a Deus para ele ganhar a corrida. Pedi para abençoar o Brasil.

Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer:

Vai, vai mesmo!

Eu não quero você mais.

*Nunca mais*⁶⁷.

Carolina Maria de Jesus sente-se repleta de expectativa quando se depara com a chegada do ano novo, desnudando toda a sua vontade de viver. Para Tillich,

É a consciência existencial de nossa própria finitude que coloca a questão se a continuação da existência finita vale a pena, considerando o fardo que lhe é inerente. Mas enquanto existir vida, esta tendência é contrabalançada pela autoafirmação da vida, o desejo de manter a identidade mesmo que seja a identidade de um indivíduo finito e passageiro⁶⁸.

⁶⁴ JESUS, 2020, p. 149.

⁶⁵ TILLICH, 1976, p. 46.

⁶⁶ TILLICH, 2020, p. 105.

⁶⁷ JESUS, 2007, p. 192.

⁶⁸ TILLICH, 2005, p. 517.



Considerando todo o sofrimento, as misérias e a permanente fome que cortam o seu caminho, ainda assim, Carolina Maria de Jesus opta pela autoafirmação da vida. Segundo Tillich, “CORAGEM é a autoafirmação ‘a-despeito-de’, isto é, a despeito daquilo que tende a impedir o eu de se afirmar”⁶⁹. Desse modo, a narradora assume a coragem de falar a respeito da própria angústia, além de apontar as misérias e visões dos favelados sobre si mesmos: “Os próprios favelados falam que favelado não tem educação. Pensei: vou escrever”⁷⁰.

O ser humano, para Tillich, em situações que ameaçam sua existência, é levado para um salto de coragem. Observemos o seguinte recorte do *Diário*: “[...] Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida”⁷¹. É resistindo, através do trabalho de catar papel, da escrita e da leitura, que seu ser se afirma no mundo: “Suporto as contingências da vida resoluta”⁷². Em outras palavras, a narradora, muito embora sofra com a vida que suporta, ainda assim, consegue afirmar-se diante de tantas contingências

Conclusão

“Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme”⁷³.

Na presente pesquisa, passamos pela Angústia do destino e da morte, pela Angústia da vacuidade e insignificância, até chegarmos ao último tópico, O desespero humano. Como suspeitávamos a partir da leitura do *Diário*, a fome é a via principal que leva a personagem do *Diário* à angústia e ao desespero.

O desespero provocado pela fome, narrado com muita apropriação por Carolina Maria de Jesus, coloca em evidência as vivências de pessoas negras que, em grande parte, são as mais afetadas pelo descaso do poder público. Logo, questionar essa realidade é pensar como os sujeitos estão inseridos no mundo, como se desenvolvem e como esse espaço é construído a partir da

⁶⁹ TILLICH, 1976, p. 28.

⁷⁰ JESUS, 2014, p. 101.

⁷¹ JESUS, 2014, p. 52.

⁷² JESUS, 2007, p. 18.

⁷³ JESUS, 2007, p. 107.



(re)existência de cada grupo social. Carolina Maria de Jesus sente a dor e o desespero de quem tem urgência em ser ouvida:

O texto de Carolina é acima de tudo um texto que interroga. Não só a sociedade e a política, mas a escuta, a literatura, os processos de tornar-se autor e de manter-se autor em configurações sociais tais quais a brasileira, na qual o lugar de autor é ainda primordialmente tomado como sinônimo de um tipo muito especial de sujeito: homem branco⁷⁴.

Quarto de despejo: diário de uma favelada é mais um meio interessante e denso para pensarmos a realidade social no Brasil. Carolina posiciona-se firmemente para não ser vista como mais uma pessoa que teve a vida desgraçada pelas injustiças sociais.

A autora alçou sua voz no discurso literário em um contexto histórico permeado pelo apelo ao progresso, ao desenvolvimento e à modernização. Um cenário no qual, conforme pontuou Miranda, a mulher negra lutava para romper a condição socialmente imposta de privação do letramento⁷⁵. Carolina surgia de um cenário nacional de desigualdade em todas as estruturas para a mulher negra, mostrando à sociedade que uma mulher, em estado absurdo de pobreza, pode ensinar e denunciar as problemáticas sociais, e que pode contribuir para uma sociedade onde o interesse da coletividade seja prioridade.

Referências

- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.
- GONÇALVES, Marco Antônio. Um mundo feito de papel: Sofrimento e estetização da vida (Os diários de Carolina Maria de Jesus). *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez. 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2007.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.
- MIRANDA, Fernanda. Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. p. 246, 248.

⁷⁴ MIRANDA, 2020, p. 248.

⁷⁵ MIRANDA, 2020, p. 248



- MORAVIA, Alberto. O diário de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. p. 185.
- MUELLER, Enio. Prefácio à nova edição portuguesa. In: TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- OLIVEIRA, Renato Bandeira Severino de. A angústia e suas caracterizações. *Problemata: R. Intern. Fil.* v.6, n. 3, 2015, p 5-23.
- SANTOS, Joe. A teologia da cultura. In: BEIMS, Robert; MUELLER, Enio (Org.). *Fronteiras se interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- SCHMITZ, Erik Dorff. O conceito de angústia, segundo a filosofia e teologia de Paul Tillich. *Revista Peri*. Florianópolis, SC, v.15, nº01, 2023, p. 35-44.
- TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da religião, 1992.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (O *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus). In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.